



RESENHA

A Amazônia vista de fora

COSTA, Vânia Maria Torres. **À sombra da floresta.** A Amazônia no jornalismo de televisão. Belém: Editora Paka-Tatu, 2022.

Por Gutemberg Armando Diniz Guerra
Prof. Dr. INEAF/UFPA
gguerra@ufpa.br

As Amazônias inventadas, criadas, fabricadas, estilizadas são muito numerosas, embora tenham semelhanças nos aspectos que a reduzem ao mínimo de civilização, civilidade e cultura. Pior ainda é que fazem essa redução utilizando a imagem da floresta, que é uma das, senão a parte mais bonita e simbolicamente a mais densa de significados dessa complexa região. O que importa mesmo é que essas representações negam as Amazônias reais e seus humanos e não humanos sujeitos submetidos às interpretações e manipulações de interesses externos e espúrios.

Nesse trabalho de doutorado da professora Vânia Maria Torres Costa temos muito instigantes reflexões sobre aspectos específicos da colonização da Amazônia brasileira, notadamente pelas ideias feitas e mantidas por brasileiros de outras regiões, em particular do Sul e Sudeste do país, historicamente construído como extensão do desenvolvimento do capitalismo internacional, reproduzindo imagens e formações discursivas que mantêm sob dominação os amazônidas e tudo o que possa ter origem e destino nessa região (COSTA, 2023).



Em que pese uma trajetória que inicia com um mestrado no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), e a prevenção anunciada na introdução de que ela não tem a pretensão de ser exaustiva no tratamento da construção dos jornalistas sudestinos sobre a Amazônia, o livro é produto de doutorado feito na Universidade Federal Fluminense, com o caráter questionador do processo colonizador.

Essas queixas e faltas que senti, entretanto, nada impediram a que a professora Vânia Maria Torres Costa construísse, com muita competência, serenidade e firmeza, o seu próprio caminho de análise.

Merece destaque a participação da Professora Rosa Acevedo-Marin que orientou a Professora Vânia Maria Torres Costa no Mestrado, é citada em obras publicadas em conjunto com o Professor Alfredo Wagner Berno de Almeida, foi uma das historiadoras entrevistadas conforme referido na página 34, acompanhou e contribuiu na construção da tese além de escrever uma apresentação do livro qualificando-o como “Uma contribuição crítica, ambiciosa, polêmica e atualizada” (página 15).

Tive a oportunidade de ver duas apresentações desse trabalho, e na última, depois de ter lido com vagar toda a obra, para maior compreensão e diálogo com a autora, ampliou-se e muito, em mim, a admiração pelo que se pode ter de leituras quando munidos das ferramentas adequadas. *À sombra da floresta* vale muitas aulas magnas de leitura de mensagens que tenham como elementos o áudio, a imagem e o texto separados ou conjugados. A complexidade da análise exige mobilização de autores clássicos que contribuem na percepção adequada de como os meios de comunicação podem ser manipulados e manipular a opinião pública.

O livro é denso de conteúdo, mas com uma linguagem que nos permite recomendar a público expandido. Embora mobilizando intelectuais do mundo acadêmico e seguindo praticamente a rigorosa estrutura da tese, a linguagem permite que leitores de todas as áreas possam compreender todo o processo de análise e o desvelar das armadilhas embutidas na linguagem jornalística.

No capítulo 1 Vania Costa se reporta as imagens recorrentes sobre a Amazônia e Região Norte, comentando sobre os clichês e generalizações sobre a floresta e os homens que nela viviam e vivem. Demonstra como as ideias de uma região selvagem vem desde as primeiras interações dos europeus com o Brasil, seguindo-se uma



ressonância que faz eco até os dias atuais. No segundo capítulo é o momento de apresentar a Rede Globo de televisão e seus formatos de convencimento da população, com uma produção elaborada para repetir as ideias prontas e dualistas em que se confrontam avanço tecnológico e atraso para quem não o mobiliza, natureza e sociedade, campo e cidade, rios e ruas...

No terceiro capítulo, ainda lançando as bases metodológicas para a análise que seguirá exposta nos últimos capítulos, Vania Costa contextualiza o jornalismo e suas especificidades como instrumento de comunicação de massa.

Os capítulos 4 e 5 são revelações nítidas de como o Brasil do Sudeste vê o do Norte e como faz que esse olhar, fala e texto se combinam para repetir, insistentemente, sobre um bucolismo generalizado que se traduz como selvagem, pobre, ignorante, inapropriado, retrógrado e tudo o que se possa dizer de negativo. Vânia Costa, ora sutil ora escancaradamente, critica o jornalismo da mais poderosa rede de televisão brasileira, sua prepotência, guardadas as devidas ressalvas, em distinguir o Brasil desenvolvido do Sul contra um outro Brasil que os repórteres sequer deixam se expressar pelos seus mais legítimos representantes, os moradores da região. A professora Vânia faz uma dissecação das imagens, falas, textos e áudios em três séries de repercussão nacional, demonstrando como a escolha de cada uma dessas mensagens que mostram a quem não conhece a realidade das cidades, campos e rios amazônicos, um tipo de percepção enviesada, anacrônica e surreal.

O que atravessa todo o texto é a retirada de máscara da colonialidade embutida nas três séries (Caravana JN de 2006, Terra do Meio de 2007 e Amazônia Urbana, de 2010) apresentadas majoritariamente por três repórteres (Pedro Bial, Marcelo Canellas e Alberto Gaspar) conhecidos nacionalmente pela participação em programas de ampla audiência e apelo generalizado.

A estrutura das narrativas dá destaques a aspectos como a ignorância, a carência e o fracasso, devidamente interpretados pelos entrevistadores que praticamente criam o texto e induzem a fala dos entrevistados. Destaco algumas delas:

Quando narra a história da cidade de Fordlândia, no Pará, Alberto Gaspar começa assim: “às margens do rio Tapajós, ruínas de um sonho (pausa) americano”. O repórter se refere à tentativa do americano Henry Ford de retomar a produção da borracha na Amazônia para fugir ao monopólio dos ingleses. As imagens mostram prédios abandonados, uma parede com a



pintura descascada onde se lê “welcome the...” (apagado) - o resto é incompreensível – maquinário abandonado em preto e branco, casas vazias, fachadas. Em seguida, o repórter conversa com uma professora:

Repórter Alberto Gaspar: “isso aqui não virou nada, né? Porque?...”

Professora Maria Raimunda: “não virou nada”.

Repórter: “é como se fosse um museu do fracasso”.

Professora: “museu do fracasso”. (COSTA, 2022, p. 145).

E, quando os jornalistas da Rede Globo apresentam a escola amazônica para o telespectador nacional, o que recebe destaque é aquela esquecida no meio da floresta. “A menina com o dedinho machucado é filha de um dos professores da escola [tom de não acredito’] de São Sebastião” diz Pedro Bial, impressionado com o espaço físico mostrado a ele:

Repórter Pedro Bial: “campo tem, mas não tem bola”.

Professor sem crédito: “campo tem, mas não tem bola. (sorridente)”

Bial: “escola tem, mas não tem lápis (risos do professor). Campo tem, mas não tem bola”.

Professor: “é”.

Bial: “casa tem, mas não tem parede”.

Professor: “Casa tem, mas não tem parede, ainda bem que tem telhado prá não chover em cima”. (COSTA, 2022, p. 206).

Marcelo Canellas relata que na Terra do Meio a conexão com o mundo ainda se faz pelo rádio, como mostra sua representação de Chico Feitosa. “Aos 75 anos, nunca estudou, nunca votou, nunca procurou, nem nunca foi procurado para tirar documento algum”, diz o repórter. O pescador é apresentado como uma raridade: “só de uns tempos para cá é que ouviu falar nessa tal de... televisão”. COSTA, 2022, p. 220)

As três entrevistas vem acompanhadas de análise revelando formações discursivas que a Professora Vânia explicita após um trabalho de esquadramento minucioso em que ela identifica aspectos recorrentes como o primitivismo, ameaça à floresta, ilegalidade, exaltação, nacionalidade, compaixão, imensidão, determinismo geográfico, solidão (vazio) , salvação, fracasso e perigo (que vem da floresta). COSTA, 2022, p. 127).



Pela linguagem bem elaborada, pelos instrumentos teóricos e metodológicos que mobiliza, pelos autores que chama para o diálogo, esse livro é, para mim, leitura obrigatória para os que pretendam entender com serenidade e honestidade o Brasil que pulsa nessa terra injustiçada e a cujos habitantes se nega, historicamente, o protagonismo que praticam e pleiteiam. Não tenho mais a dizer senão que permaneço de olhos e orelhas em pé para ver e escutar o que se possa produzir como diálogo a partir dessa obra inestimável e inevitável para um debate consistente sobre o desenvolvimento regional.

